ENTREVISTA: JOEL ROGERS

Joel Rogers é professor *de Direito, Ciência Política, Relações Públicas e Sociologia na Universidade de Wisconsin - Madison, onde também dirige o COWS, o centro nacional de recursos e estratégia para o desenvolvimento de estradas. Ele se formou pela Yale College (B.A) em Economia, Filosofia e Ciência Política (1972); J.D em Direito pela Yale Law School (1976); M.A em Política (1978) e PhD em Política (1984), ambos pelo Departamento de Política da Universidade de Princeton. Ele escreveu amplamente sobre política partidária, teoria democrática e cidades e regiões urbanas. Junto com muitos artigos acadêmicos e populares, seus livros incluem The Hidden Election, On Democracy, Right Turn, Metro Futures, Associations and Democracy, Works Councils, Working Capital, What Workers Want, Cities at Work e American Society: How It Really Works. Joel é um cidadão ativo e também acadêmico. Ele trabalhou e aconselhou muitos políticos e líderes de movimentos sociais, e iniciou e/ou ajudou a liderar várias ONG's progressistas, incluindo o partido New Party (agora Working Families Party). Ele é um editor colaborador da The Nation e da Boston Review, é um MacArthur Foundation Fellow e foi identificado pela Newsweek como um dos 100 americanos vivos com maior probabilidade de moldar a política e a cultura dos EUA no século 21*[1].

■ **Olá, professor Joel Rogers. É uma grande honra poder entrevistar um notável intelectual, cientista político, sociólogo, autor e professor como você. Essa ideia surgiu da minha experiência ao ler seu livro, intitulado "American Society: How It Really Works", co-escrito com Erik Olin Wright. Assim que terminei, soube que precisava saber mais sobre suas perspectivas acerca do atual cenário político americano e algumas de suas coincidências com o que estamos vivenciando no Brasil. Fico feliz que você tenha aceitado e estou honrado em conhecê-lo. Em primeiro lugar, foi verdadeiramente triste saber que seu co-autor, Erik Olin Wright, faleceu em janeiro de 2019. Um notável sociólogo e um conhecido marxista analítico, ao longo de sua vida estudou principalmente a**

[1]A maioria das partes foi retirada do perfil de Joel Rogers no site do COWS: https://www.cows.org/staff-page/joel-rogers

definição de classes sociais e a visão de ideias alternativas que pudessem ajudar a superar o capitalismo, que ele chamou de "utopias reais". Ele também foi professor do departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin - Madison. Como foi seu relacionamento com o professor Wright? Como o livro foi concebido pela primeira vez? Houve alguma discordância em relação às questões ou tópicos levantados?

▸ Erik era um colega próximo e bom amigo desde que vim para Madison em 1987. Ele estava de licença para Berkeley no ano em que cheguei, mas assim que ele voltou, imediatamente começamos a falar sobre tudo no mundo e ele sugeriu que fizéssemos um pacto pessoal entre nós para que tentássemos conversar, talvez dar um passeio juntos, fazer algo juntos, todas as semanas quando nós dois estivéssemos na cidade. E fizemos isso todos os domingos por cerca de trinta e dois anos. Erik nunca havia ensinado um curso de graduação antes. Eu o persuadi de que ele poderia tentar fazer isso e assim que o fez, em meados dos anos 90, é claro que ele adorou. Ambos orientamos o curso em torno do desempenho dos EUA em valores amplamente compartilhados. Como o que tínhamos a dizer sobre isso era muito semelhante, ele sugeriu que combinássemos nossas palestras em algum tipo de livro - não um livro convencional, mas algo que pudesse ser amplamente usado no curso. Isso é o que você tem diante de você. Mas fizemos muitas outras coisas juntos.

■ **Minha próxima pergunta é sobre o título em si. Acredito que foi uma maneira muito inteligente de apresentar uma das propostas do livro, que é desvelar perspectivas significativas sobre os inúmeros argumentos que cercam a defesa do mercado livre e da democracia liberal e como eles são responsáveis por muitas desigualdades na sociedade americana. Ao adicionar a palavra "realmente", meio que iluminou uma aura que as pessoas podem não estar totalmente conscientes e acabam defendendo ideias que às vezes geram ainda mais desvantagens para elas. Você acha que o livro atingiu seus objetivos de fazer as pessoas pensarem "sociologicamente" sobre essas questões? O quanto? E houve alguma consideração entre outros intelectuais / autores?**

▸ As pessoas usaram o livro amplamente em uma variedade de classes diferentes e estou muito feliz com sua recepção. Não foi amplamente revisado, mas não me lembro de nenhuma negativa. Sobre "pensar sociologicamente", trata-se basicamente de aceitar a sabedoria, disponível desde Vico, de que as estruturas da vida social são feitas pelo ser humano e o ser humano pode alterá-las, para melhor ou para pior. A boa tarefa da sociologia "crítica" concentra-se na parte

da melhoria, que, claro, começa com dizer o que atualmente é injusto que pode ser melhorado com esforço. Não sei sobre nosso sucesso em persuadir as pessoas dessa perspectiva.

■ **Você citou quatro valores fundamentais que têm raízes profundas na cultura americana (entre outros), como Eficiência, Liberdade, Justiça e Democracia, e então passou a dizer que o país não está à altura (deles) tão bem quanto poderia por vários motivos. Mesmo que você deixe claro que suas intenções não são rejeitá-los, como essas ideias de confrontar as instituições básicas poderiam encontrar um lugar entre conservadores e reacionários e ajudar a impulsionar esses valores em direção a uma sociedade mais igualitária e justa?**

▸ Os chamados "conservadores" hoje não são conservadores de forma alguma. Eles são reacionários radicais. Seu objetivo é remover qualquer possibilidade séria de gestão democrática de nossa sociedade. Essa é uma meta radical e claramente um retrocesso no progresso humano. Acho que muito do que o livro defende pode ser considerado bastante conservador no sentido tradicional de conservador, que é aprender com o passado, ser um pouco humilde em suas próprias tentativas de reescrever regras sociais, ser cético em relação a sugestões de mudança e não ter tanta certeza de que seus planos para refazer o mundo sejam os planos certos. É assim que pensamos que você deve pensar sobre a mudança no mundo. Queremos, sempre, expandir o incentivo social, em termos amplamente iguais, da capacidade da humanidade de aprender e amar. Ao fazermos isso, é claro, devemos mostrar respeito pelos fatos e experiências anteriores, mesmo que não nos desculpemos por nosso compromisso de valores básicos com a igualdade de liberdade.

Entendemos justiça essencialmente como equidade, que é dar a todos oportunidades iguais de contribuir e tentar recompensá-los por essa contribuição. Então, eu acho, a maioria dos conservadores honestos diria que essa parece ser a maneira de governar uma sociedade, que o nascimento não deve determinar o destino; as circunstâncias sobre as quais não temos controle não devem levá-lo a algum horror; que todos devem ter acesso às coisas básicas que são necessárias para viver uma vida plena e produtiva. Considere, hoje, nos Estados Unidos ou no Brasil, a quantidade de pessoas que não tem nem o básico, que ninguém contesta, é necessário para uma vida plena: alimentação nutritiva, água potável, abrigo adequado, mobilidade, educação, saúde, comunicação, recreação, essas são necessidades básicas da vida e estão muito desigualmente distribuídas. E não conheço nenhum conservador honesto que pense que você não precisa de todas essas coisas, quem diria que essas coisas não são importantes? Simples-

mente pensamos que a sociedade está agora em um ponto de tanta riqueza e tecnologia que todas essas coisas poderiam ser facilmente fornecidas, no sentido técnico, para todos. E o projeto político básico do American Society,[2] os escritos de Erik e meus próprios escritos, é igualar o fornecimento desses bens e serviços básicos a todos no planeta e, então, encorajá-los a tratar uns aos outros e à natureza um pouco melhor. Porque se não o fizermos, a liberdade não estará disponível para nós e a própria vida não estará disponível para nós, se continuarmos simplesmente destruindo uns aos outros ou destruindo o mundo. É aí que entra a questão da justiça.

A eficiência é simplesmente sobre a aplicação desses valores. Eficiência é obter o máximo de tudo o que você tem. Por exemplo, considere um caso flagrante de ineficiência e desperdício: como espécie, dependemos de uma variedade de serviços e sistemas ambientais que regularmente obtemos valor do lixo e depois revendemos como mercadorias das quais reivindicamos lucro. Pegamos nosso roubo e transformamos no que anunciamos como inovação. A destruição ambiental é algo que ambos levamos muito a sério. Queremos eficiência em ambos os sentidos econômicos clássicos: Eficiência Alocativa, ou seja, atribuir as coisas às áreas onde são demandadas, seja nos mercados ou na sociedade humana; e também, Eficiência Dinâmica, para melhorar ao longo do tempo, aprender coisas novas e melhorar em fazer as coisas. Começamos com esses ideais fundamentais muito radicais de que todos têm direito à vida e à liberdade e à busca da felicidade. Não há problema com esses ideais, o problema está em sua aplicação e na extensão de sua aplicação. Estamos a um zilhão de milhas de ter ainda uma comunidade de amor verdadeiramente pluralista racial nos EUA.

A ideia de Democracia é que os cidadãos de um país devem determinar o que o governo faz para que vastas reservas de riqueza privada não forneçam diferenciais importantes no poder público, e isso ainda faz parte da ideologia na América, embora seja obviamente minado em todos os lugares pela realização real de nosso sistema político. E a liberdade é a coisa mais básica na América. É aquele com o qual todos concordam. A ideia é que você é livre, tem liberdade negativa para viajar, está livre de restrições em suas ações, na medida em que não machuquem outras pessoas. É uma veia libertária muito forte na cultura americana. O problema sempre foi se estamos exigindo o suficiente para desenvolver muito afeto pela liberdade positiva, o que geralmente requer alguns rearranjos de direitos e regras e a ação coletiva precisa para alcançar isso. A sociedade não deve

[2]Trata-se do livro *American society: how it really works*. New York, NY: W.W Norton & Company, 2015.

exagerar essas desigualdades naturais ou diferenças entre as pessoas. O que a sociedade deve fazer é dar a todos acesso a um número igual de dotações sociais. A sociedade deve garantir que todos sejam alimentados, vestidos, protegidos, educados, capazes de se locomover, ter lugares seguros para morar, trabalhar e ser cuidados. Essa é a nossa visão básica, se isso soa simplista bem, eu continuo com ela.

■ **Há uma passagem que gostaria de mostrar aos leitores: "A questão do dinheiro e da política também entra em cena em torno do problema da mídia de massa e do acesso à informação política. Enquanto a censura política é de vez em quando um problema na política americana, o maior problema de informação para a vitalidade democrática centra-se no controle corporativo da mídia de massa. A propriedade da mídia de transmissão está incrivelmente concentrada em algumas corporações gigantes, os jornais na maior parte da empresa são administrados como empresas comerciais comuns e, em geral os interesses comerciais dominam a divulgação de notícias e o debate público". Se não fosse por algumas palavras, eu poderia dizer que todo este parágrafo poderia ser usado para descrever o cenário brasileiro. Qual é a sua perspectiva sobre como as pessoas podem reagir a esse controle corporativo?**

▸ Você não pode ter democracia se as pessoas não têm informações factuais e a capacidade de debater e discutir de forma livre, em uma ampla esfera pública, quais devem ser os objetivos da sociedade e os meios para atingir esses objetivos. Isso me parece quase evidente. A mídia social, Twitter, Facebook e outras, basicamente tem esse modelo de negócio nojento de ganhar dinheiro nos tornando mais estúpidos e mais irritados com as outras pessoas a cada dia. É uma entrada bastante destrutiva nessa esfera pública. Você precisa de uma esfera pública democrática para ter uma democracia, a mídia privada, especialmente a mídia privada com fins lucrativos, é uma base incrivelmente insegura para garantir isso. Eles [meios de comunicação privados] precisam ser regulamentados, monitorados pelo próprio público e algum tipo de forma representativa republicana. Nos EUA, mesmo com a internet, está cada vez pior em termos de processamento diário das notícias do dia a dia e do que pode ser aprendido com elas. O número de leitores de jornais está em queda nos EUA. Discussões e debates públicos parecem, por um lado, maiores do que nunca porque qualquer um pode ser seu próprio produtor e editor, mas na verdade é mais caos acontecendo do que uma deliberação pública razoável. No Brasil, acho que pode ser ainda pior. Não quero comentar sobre sua liderança, o Bolsonaro. Eu geralmente conto o Bolsonaro junto com o Trump como líderes efetivamente autoritários que basicamente po-

dem falar sobre democracia o tempo todo, mas realmente temem e têm desprezo por ela. Para ter uma democracia, você precisa de um cidadão público com alguma autoconfiança em sua capacidade de autogoverno. A democracia é autogoverno com respeito igual. Os autoritários e populistas de direita sempre invocarão a democracia, mas não estão falando sobre isso.

■ **Em algum momento, você afirma que a desigualdade é central para as preocupações morais ao se pensar sobre as instituições sociais e que "discutir os problemas de justiça social rapidamente se torna muito complicado, uma vez que um diagnóstico de injustiça realmente requer dois julgamentos: primeiro, um julgamento moral que uma desigualdade é injusta e, em segundo lugar, um julgamento sociológico de que essa injustiça poderia ser remediada por uma mudança social". Você poderia explicar aos leitores o que você entende por *fair play* e *fair share*?**

▸ Uma concepção de *fair play* [jogo limpo] de oportunidades iguais ou justiça simplesmente diz que se as regras não discriminam entre as pessoas, então os resultados das regras estão ok, quaisquer que sejam eles. A ideia de *fair share* [parte justa] é de que todos devem ter acesso ao que precisam para seu auto-desenvolvimento e prosperidade: viver uma vida plena. Não diz que temos que redistribuir tudo no mundo em bases iguais, não discutimos isso de forma alguma.

■ **O momento não poderia se apresentar mais válido para falar sobre discriminação racial. Afinal, centenas de milhares de americanos e pessoas de todo o mundo abraçaram o movimento #blacklivesmatter e muitos mais aderem à causa todos os dias. Segundo o livro, a desigualdade racial ainda é "um fato cotidiano e difuso da vida nos Estados Unidos" e que "a ação espontânea dos atores no mercado não será suficiente para eliminar essas desigualdades (raciais)". Como a ação pública coletiva poderia trabalhar para acabar com elas? Você se importaria de comentar sobre o movimento?**

▸ O movimento Black Lives Matter se posiciona em um rio muito longo de resistência negra à opressão branca. O movimento começou em Ferguson, Missouri, onde Michael Brown, um homem negro desarmado, foi baleado pelos policiais e por algum motivo isso se tornou viral e as pessoas continuaram a protestar por algum tempo. Pessoas daquele condado no Missouri elaboraram o Black Lives Matter como uma mensagem muito simples para se referir à humanidade negra contra toda essa violência policial. O grande acontecimento, nos EUA e também no Brasil, é que a polícia sempre desempenhou uma função pública

muito importante de garantir a segurança física das pessoas. Mas eles sempre foram principalmente sobre a proteção dos direitos daqueles que têm propriedade. E a polícia militarizou-se muito nos EUA nos últimos vinte, trinta anos. Eles têm um equipamento inacreditável e muitas vezes imitando as forças armadas, tanques, armas, lançadores de foguetes, uma variedade de coisas. Se houver policiais relativamente sem treinamento ou treinados apenas em como controlar as pessoas, não em como investir nas pessoas, os policiais frequentemente os usarão de forma inadequada. Assim, tem-se falado em desinvestir na polícia, desmilitarizar a polícia, confinando a polícia mais à garantia da segurança pública e seus distúrbios que ela não tem competência para controlar. Pense em um caso público de doença mental, por exemplo, a polícia não está na melhor forma para lidar com esse tipo de coisa, ela não é realmente treinada para diminuir conflitos ou tensões sociais, ela é treinada para controlar a tensão.

Portanto, parte do programa Black Lives Matter está consertando e desracializando a segurança pública. Mas para mim é um programa muito mais amplo para a reconstrução deste país e para reconhecer, reparar, reformar e consertar uma série de sistemas públicos: educação, habitação, transporte, direito do trabalho, uma variedade de sistemas diferentes que implementam dimensionar um lado da [ideia de] oportunidades iguais para contribuir e produzir, que é o que devemos buscar. Exige a conclusão do que na maioria dos países desenvolvidos considera-se um estado administrativo/de bem-estar moderno, com seguro social universal, padrões universais de educação, pisos universais em todas as coisas que falamos no início como as coisas básicas. Mas então ele também tenta garantir que a descendência de escravos americanos esteja no topo da linha de receber qualquer um dos benefícios redistributivos que precisam ser feitos para tornar isso uma realidade. Eu acho que é onde parte da luta vai continuar. O Black Lives Matter argumenta corretamente que uma grande parte da riqueza desta nação foi gerada do corpo de seus ancestrais escravizados e parece justo que eles obtenham alguma parte de toda a riqueza que foi roubada deles.

A visão que [Erik] Wright e eu defendemos é menos sobre reparações diretas e mais sobre melhorar e dar prioridade aos negros na variedade de serviços que devem ser fornecidos a todos universalmente. Várias semanas foram fantásticas nos EUA e verdadeiramente edificantes, porque o que foi ótimo sobre o protesto é que eles foram, em geral, bastante disciplinados e não violentos, embora tenham sido repetidamente provocados pelas pessoas. Houve exceções, mas basicamente, eles não foram violentos. E eles têm sido profundamente multirraciais e multigeracionais e é realmente maravilhoso ver. Não sei que cobertura de nossa imprensa você está lendo, mas há mudanças fantásticas sendo feitas

em governos de todos os Estados Unidos, em resposta a isso. Além disso, como a opressão racial sempre foi tão terrivelmente entrelaçada com virtualmente todos os outros aspectos opressores e exploradores da sociedade americana, é uma abertura pronta no [país] todo. Os protestos recentes mostram isso. Eles estão preocupados com a brutalidade policial, é claro, mas também com o enfraquecimento mais amplo da democracia e com o apodrecimento da classe trabalhadora e das famílias trabalhadoras sob o neoliberalismo corporativo dos últimos 40 anos.

■ **Como você percebe as representações de classe do capitalismo através da mídia de massa? Existe algum espaço para manifestações de resistência de classe? Se sim, como?**

■ **A mídia de massa é uma piada de mau gosto para apoiar o que é necessário a uma esfera pública democrática. A mídia social é ainda pior. Nenhum dos dois, considerados como um todo, estimula a consciência ou o compromisso necessários para uma mudança social positiva. Ambos incentivam, ao divertirem, mas não informando os públicos que vendem aos anunciantes, a decadência social em vez de melhorias. Sobre o capitalismo, acho que eles o veem como outro espetáculo divertido de violência, mas não algo que possa ser transcendido. Em sua segunda pergunta, nem Erik nem eu estamos apegados a uma visão dos sistemas sociais que os vê como indivisíveis, cada um com sua lógica, que se sucedem apenas por meio da crise e da ruptura com o que ocorreu antes. Essa visão limita suas escolhas políticas à ruptura revolucionária, muitas vezes com consequências terríveis, ou esforços insípidos de reforma. Em vez disso, ambos defendemos o reformismo revolucionário. Em qualquer sistema, a qualquer momento, há espaço para melhorá-lo de maneiras transformadoras, se você puder persuadir pessoas suficientes a agirem juntas para isso.**

Mas, conforme você embarca nesse trabalho político, novamente, você deve ter clareza sobre a mudança que deseja e por que ela vai melhorar as coisas e por que é alcançável com esforço suficiente e como ela se sustentará e aumentará a probabilidade de novas melhorias. O que queremos dizer com capitalismo é um sistema em que o lucro fornece a principal motivação, não a única, mas a principal motivação para o investimento. Mas, dentro de qualquer democracia capitalista, os aspectos democráticos são restringidos de maneiras que o livro percorre em detalhes excruciantes, revelando a posição privilegiada do capital privado dentro da sociedade. O que as pessoas chamam de "socialismo demo-

crático" é simplesmente, a meu ver, essencialmente um sistema no qual você tem garantias sociais dos princípios básicos de que falamos no início e, em seguida, deliberação pública livre sobre o que fazer com o excedente social remanescente. Chegar lá envolve, em parte, redefinir os direitos de propriedade para desencorajar o abuso e encorajar a cooperação e, em parte, aumentar os bens comuns de bens públicos democráticos - isto é, os bens de que todos precisam para serem membros livres e iguais de uma sociedade democrática.

Um lugar natural para começar essa luta e para construir a consciência das pessoas e o compromisso com ela, que lhe dá capacidade de mudança, é onde as pessoas estão, ou seja, nas cidades. É onde a maior parte da riqueza é produzida e de onde vem a maior parte da ameaça ambiental. Mas, na teoria prática, as cidades podem se organizar para fornecer os bens públicos necessários, e sua riqueza permite negociações mais sérias com o capital privado nos termos de sua criação. Isso abre uma visão de um mundo muito mais feliz, um mundo desses lugares muito produtivos, uma cidade, uma região, um país, negociando alegremente com outros e no controle de sua própria economia em que teríamos uma oferta de bens e serviços quase públicos hiper eficientes e abundantes os que dariam a todos dentro deles uma chance de se desenvolver e ser feliz.

■ **Erik Olin Wright escreveu um livro envolvendo ideias sobre como "erodir" o capitalismo e, por meio da ação coletiva, mover a sociedade em direção a uma transformação social que culminará numa "economia socialista democrática". Em um artigo recente, "How About Productive Democracy for a Change?", Você apresenta um projeto alternativo igualitário e democrático, que você acredita ser mais adequado à economia de hoje e é mais edificante para a liberdade real e as possibilidades humanas. De que maneiras ambas as perspectivas, talvez, encontram um terreno comum e onde elas diferem mais significativamente?**

▸ Eu conversei sobre as coisas da Productive Democracy com Erik enquanto estava desenvolvendo e ele foi um grande fã disso. Eu não atribuo nada ao nome, não me importa como o chamemos, vamos chamá-lo de Andrei, ou de Joe ou de Gizmo. Mas difere das definições convencionais de socialismo porque não requer cem por cento, mas quarenta ou cinquenta por cento da propriedade pública dos meios de produção. É mais social-democrata assim. Mas difere, pelo menos, da social-democracia do pós-guerra por ser menos centrada em torno dos sindicatos ou das coisas orientadas para a classe trabalhadora a nível nacional. É muito mais descentralizado e aberto e tenta fortemente superar a preocupação de que se você der às pessoas todo esse acesso ou todos esses grandes bens públicos de

diferentes tipos, você as levará a se tornarem apenas escravas estúpidas e eficazes de dependência. É realmente uma filosofia pública, Andrei. Os seus termos de cidadania são os seguintes: vamos dar-lhe liberdade, oportunidade e responsabilidade. Sua liberdade é que você pode ir lá e colocar sua marca no mundo. A oportunidade é que lhe daremos todas as ferramentas de que você precisa para fazer isso. E a responsabilidade é reconhecer que sua merda fede também, você deve respeitar as outras pessoas e deve pagar os impostos necessários para manter essa ideia, essa sociedade democrática produtiva, em andamento. Acho que praticamente todo mundo no mundo, exceto alguém que está sentado em uma enorme pilha de poder político extraído do Estado, estaria fora desse programa. Acho que o público para isso é mais ou menos vasto. É muito o que Erik estava falando sobre "erodir" o capitalismo e estimular formas alternativas de organizações sociais e economia política.

Onde eu discordo de Erik nessas coisas? Não acho que houve muita discordância, pelo menos em algum alto nível de abstração (talvez, simplesmente por causa de minha experiência na política, eu tenha sido um pouco mais cético em relação a seus muitos entusiasmos). Certamente, concordamos que um grande problema para a esquerda democrática hoje é a falta de um agente político capaz - que exija organização e financiamento. Certamente concordamos que este "príncipe moderno" não poderia ser um partido leninista. Precisaria ser uma organização democrática (ou grupo alinhado dessas organizações) operando fora e dentro do Estado, engajada com os movimentos sociais, mas também na política eleitoral e na governança efetiva, com um programa. Isso é o que eu estava tentando fazer com o New Party (agora o Working Families Party). Nenhuma dessas formações é perfeita e todas têm um longo caminho a percorrer antes de oferecer modelos atraentes o suficiente para se difundir amplamente. Maurice Mitchell, que é um dos fundadores do Black Lives Matter e chefe do Working Families Party, está muito ciente da necessidade dessa organização. E essa é uma organização que está jogando o jogo externo, fora do estado formal, e o jogo interno, fazendo com que as pessoas sejam eleitas. Eu vejo muitas coisas nos EUA na esfera política democrática de esquerda - um ecossistema de movimentos sociais, campanhas eleitorais - caminhando em direção a algo como o que precisamos. Mas certamente ainda não chegamos lá, e há muito ego e confusão desnecessária, para não mencionar a falta de recursos, que está no caminho.

■ **Entropia é uma revista acadêmica que nasceu a partir de um grupo de pesquisa intitulado "Laboratório de Movimentos Sociais e Mídia", no qual seus participantes se interessam em como os movimentos sociais, ao lado de ma-**

nifestações sindicais e outros atores coletivos de esquerda, são retratados pelo jornalismo e outros meios de comunicação. Qual a sua opinião sobre as formas como esses movimentos são geralmente retratados pela mídia de massa americana?

▸ O retrato desses movimentos de massa em nossa mídia corporativa? Bem, é incompreensível, estúpido e distorcido como você poderia esperar que fosse. Mas, principalmente, é estúpido, não é bem feito. A mídia corporativa sempre vendeu públicos para os anunciantes e agora, com a mídia social, eles estão vendendo nossos piores instintos para poder explorá-los ainda mais. Então, acho que as pessoas estão muito interessadas em investir em mídia voltada para o público, mídia de transmissão pública e uma variedade de fontes de informação não dominadas por empresas, como a revista Dissent, a Boston Review, os livros de crítica de Nova York, a revista Nation que existe desde o período da abolição, a revista Progressive aqui em Wisconsin, todas as fontes de interpretação e análise alternativas. O problema, basicamente, a meu ver, é que eles não têm repórteres e recursos suficientes para chegar aos repórteres e às histórias que precisam ser contadas e ninguém tem tempo para digerir todas essas histórias.

A grande mídia é terrível. Novamente, não está particularmente interessada em apoiar uma esfera pública democrática. Não é realmente o negócio dela informar o público sobre os fatos que enfrentam ou o que eles podem estar fazendo juntos para melhorá-los. As elites aqui como em outros lugares desconfiam ou desprezam as pessoas comuns e a democracia. E os mais predadores entre eles realmente a odeiam. Eles ainda seguem o que Adam Smith chamou de 'máxima do mal' dos 'mestres da humanidade': "Tudo para nós e nada para as outras pessoas". Então, entre a ganância dos negócios e o aumento do poder político e uma mídia cada vez mais patética com fins lucrativos, não posso imaginar qualquer uma dando a você uma visão informada ou justa do que está acontecendo nos EUA.

■ **Muito obrigado pelo seu tempo e consideração. Esta foi uma oportunidade maravilhosa e fantástica e estou realmente honrado. Para as palavras finais, você gostaria de deixar uma mensagem a todos os sociólogos e cientistas políticos brasileiros sobre uma inspiração tão necessária para continuar nossa luta contra a desigualdade e a injustiça?**

▸ Coragem. Bondade. Ceticismo. Esperança.

Recebido em 17/07/2020

Aprovado em 22/08/2020

Livros Principais do Professor Joel Rogers:

ROGERS, Joel; COHEN, Joshua. *Who defended the country? A New Democracy Forum on Authoritarian versus Democratic Approaches to National Defense on 9/11*. Boston: Beacon Press, 2003.

_____. *What's wrong with a free lunch?*. Boston: Beacon Press, 2001.

_____. *Are Elections for Sale? Financing Our Elections Democratically*. Boston: Beacon Press, 2001.

_____. *Is Inequality Bad for Our Health?*. Boston: Beacon Press, 2000.

_____. *A Community of Equals: The Constitutional Protection of New Americans*. Boston: Beacon Press, 1999.

_____. *The New Inequality: Creating Solutions for Poor America*. Boston: Beacon Press, 1999.

_____. *Associations and Democracy*. London: Verso, 1995.

_____. *Rules of the Game: American Politics and the Central America Movement*. Boston: South End Press, 1986.

_____. *On Democracy*. New York: Penguin Books, 1983.

ROGERS, Joel; DECKER, Jefferson; COHEN, Joshua. *A Way Out: America's Ghettos and the Legacy of Racism*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

ROGERS, Joel; FERGUSON, Thomas. *Right Turn: The Decline of the Democrats and the Future of American Politics*. New York: Hill & Wang, 1986.

ROGERS, Joel; FERGUSON, Thomas. *The Political Economy: Readings in the Politics and Economics of American Public Policy*. Armonk: M.E. Sharpe, 1984.

ROGERS, Joel; FREEMAN, Richard. *What Workers Want*. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

ROGERS, Joel; RHODES-CONWAT, Satya. *Cities at Work: Progressive Local Policies to Rebuild the Middle Class*. Washington, DC: Center for American Progress, 2014.

ROGERS, Joel; TEIXEIRA, Ruy. *America's Forgotten Majority: Why the White Working Class Still Matter*s. New York: Basic Books, 2000.

ROGERS, Joel.; WRIGHT, Erik Olin. *American society: how it really works*. New York, NY: W.W Norton & Company, 2015.

Tradução de Andrei Maurey.

VERSÃO ORIGINAL DA ENTREVISTA - INTERVIEW

Joel Rogers is a professor of Law, Political Science, Public Affairs and Sociology at the University of Wisconsin - Madison, where he also directs COWS, the national resource and strategy center on high-road development. He graduated from Yale College (B.A) with a Divisional IV major combining in economics, philosophy, and political Science (1972); J.D in Law from Yale Law School (1976); M.A in Politics (1978) and a PhD in Politics (1984) both from Princeton University Department of Politics. He has written widely on party politics, democratic theory, and cities and urban regions. Along with many scholarly and popular articles, his books include The Hidden Election, On Democracy, Right Turn, Metro Futures, Associations and Democracy, Works Councils, Working Capital, What Workers Want, Cities at Work, and American Society: How It Really Works. Joel is an active citizen as well as academic. He has worked with and advised many politicians and social movement leaders, and has initiated and/or helped lead several progressive NGOs, including the New Party (now the Working Families Party). He is a contributing editor of The Nation and Boston Review, a MacArthur Foundation Fellow, and identified by Newsweek as one of the 100 living Americans most likely to shape U.S. politics and culture in the 21st century[3].

■ **Hello, professor Joel Rogers. It is a great honor to be able to interview a remarkable intellectual, political scientist, sociologist, author and professor such as yourself. This idea grew from my experience upon my reading of your book, entitled "American Society: How It Really Works", co-written with Erik Olin Wright. As soon as I finished, I knew I had to know more about your perspectives on the current American political scenario and some of its coincidences with the one we are experiencing in Brazil. I am glad you accepted and I am honored to meet you. First of all, it was truly saddening to know that your co-au-**

[3]Most parts were taken from Joel Rogers' profile on COWS website: https://www.cows.org/staff-page/joel-rogers

thor, Erik Olin Wright, passed away in January, 2019. A remarkable sociologist and a well-known analytical Marxist, throughout his life, he studied mostly the definition of social classes and the envision of alternative ideas that could help overcome capitalism, which he named "real utopias". He was also a professor at the department of Sociology at the University of Wisconsin - Madison. How was your relationship with professor Wright? How was the book first envisioned? Were there any disagreements regarding the issues or topics raised?

▸ Erik was a close colleague and good friend since I came to Madison in 1987. He was on leave to Berkeley the year I arrived, but once he returned we immediately started talking about everything in the world and he suggested that we make a personal pact between us that we try to talk, maybe take a walk together, do something together, every week when both of us were in town. And we did that every Sunday for about thirty two years. Erik had never taught an undergraduate course before. I persuaded him that he might want try doing it and as soon as he did it, sometime in the mid-90s, of course he loved it. We both oriented the course around U.S. performance on widely shared values. Since what we had to say on that was so similar, he suggested we combine our lectures into some sort of book - not a conventional textbook but something that could be used widely in course. That's what you have before you. But we did a lot of other things together.

■ **My next question is about the title itself. I believe it was a very clever way to introduce one of the book's proposals, which is to unveil significant perspectives regarding the numerous arguments that surround the defense of free market and liberal democracy and how they are responsible for many inequalities in American society. By adding the word "really", it sort of illuminated an aura that people may not be entirely aware of and end up defending ideas that sometimes generate even more disadvantages for them. Do you feel the book has accomplished its objectives in making people think "sociologically" about these issues? How? And have there been any considerations among other intellectuals/authors?**

People have used the book pretty widely in a variety of different classes and I am quite happy with its reception. It wasn't widely reviewed but I don't recall any negative ones. On "thinking sociologically", that's most basically about accepting the wisdom, available since Vico, that the structures of social life are made by human beings and human beings can change them, for better or worse. The good task of "critical" sociology is focused on the improvement part, which of course begins with saying what's currently unjust that might plausibly be im-

proved through effort. I don't know about our success in persuading people of that perspective.

■ **3) You named four core values that have deep roots in American culture (among others), such as Efficiency, Freedom, Fairness and Democracy, and then you moved to say the country does not measure up (to them) anywhere near as well as it could for several reasons. Even though you make clear that your intentions are not to reject them, how could these ideas of confronting the basic institutions find a place among conservatives and reactionaries and help push forward these values towards a more egalitarian and fair society?**

Those called "conservatives" today aren't conservative at all. They're radical reactionaries. Their goal is to remove any serious possibility of democratic management of our society. That's a radical goal, and clearly a move backward in human progress. I think a lot of what the book argues for could be considered quite conservative in the traditional sense of conservative, which is learning from the past, being a little bit humble on your own attempts to rewrite social rules, being skeptical of suggestions for change and not so certain that your plans for remaking the world are the right plans. That's the way we think you should think about change in the world. We want, always, to expand social encouragement, on broadly equal terms, of humanity's capacity for learning and love. As we do so, of course, we should show respect for facts and past experience, even as we're unapologetic about our basic value commitment to equal freedom.

We understand justice essentially as fairness, which is to give everybody equal opportunity to contribute and try to reward them for that contribution. So, I think, most honest conservatives would say that that seems like the way to run a society, that birth should not determine fate; the circumstances over which we have no control should not consign you to some horror; that everyone should have access to those basic things that are needed to live a full and productive life. Consider in the U.S. or Brazil today, the number of people who do not have even the basics, that no one really contests are necessary for a full life: nourishing food, potable water, adequate shelter, mobility, education, health care, communication, recreation, those are very basic necessities of life and they are very unequally distributed. And I don't know any honest conservative who thinks you don't need all of those things, who would say those things are not important? We simply think that society is now at a point of such wealth and technology that all those things could be very easily provided, easy in a sense of technically, to everybody. And the basic political project of American Society, Erik's writings and my own writings, is to equalize the supply of these basic goods and services to everybody

on the planet and then encourage them to treat each other and nature a bit better. Because if we don't, freedom is not going to be available to us and life itself is not going to be available to us, if we continue simply destroying each other or destroying the world. That's where the fairness thing comes in.

Efficiency is simply about the application of these values. Efficiency is getting the most out of whatever you have. For example, take a glaring case of inefficiency and waste: we rely as a species on a variety of environmental services and systems which we regularly grab value from trash and then resell as commodities from which we claim profit. We take our theft and turn into what we advertise as innovation. Environmental destruction is something that both of us take very seriously. We want efficiency in both of the classic economic senses: Allocative efficiency, that is to assign things to the areas where they are demanded, either in markets or in human society; and also, Dynamic efficiency, to improve over time, learn new things and get better at doing things. We started out with these very radical founding ideals of everyone being entitled to life and freedom and the pursuit of happiness. There's no problem with those ideals, the problem is with their application and the extent of their application. We are a zillion miles from having a truly racially pluralist loving community yet in the U.S.

The idea of Democracy is that the citizens of a country should determine what the government does that vast stores of private wealth should not give important differentials in public power, and that is still part of the ideology in America, even though it is obviously undermined everywhere by the actual realization of our political system. And Freedom is the most basic thing in America. It's the one everybody agrees on. The idea is that you are free, you have negative freedom to travel, you are free of constraint on your actions to the extent they don't hurt other people. It is a very strong libertarian streak in American culture. The problem has always been whether we are demanding enough to develop much affection for positive freedom, which usually requires some rearrangements of rights and rules and collective action needs to achieve that. Society should not exaggerate those natural inequalities or differences among people. What society should do is to give everybody access to an equal number of social endowments. Society should make sure everybody is fed, clothed, sheltered, educated, able to move around, have safe places to live and work and be cared for. That is our basic view, if that sounds simple minded or simplistic, well, I am sticking with it.

■ **There is a passage that I would like to show the readers: "The issue of money and politics also comes into play around the problem of the mass media**

and access to political information. While political censorship is from time to time an issue in American politics, the major problem of information for democratic vitality centers on the corporate control of the mass media. Ownership of broadcast media is incredibly concentrated in a few giant corporations, newspapers in most parts of the company are run like ordinary commercial enterprises, and generally commercial interests dominate the dissemination of news and public debate". If it were not for a couple of words, I could say this entire paragraph could be used to describe the Brazilian scenario. What is your perspective on the ways people can react to this corporate control?

▸ You can't have Democracy if people don't have factual information and the ability to debate and discuss in a free way in a broad public sphere what the society's goals and the means of achieving those goals should be. That seems to me almost self evident. The social media, Twitter, Facebook and the others, basically have this disgusting business model of making money off making us stupider and more angry at other people by the day. It is a quite destructive entry into that public sphere. You need a democratic public sphere in order to have a Democracy, private media, especially for-profit private media, is an incredibly insecure basis for securing that. They [private media] need to be regulated, monitored by the public themselves and some sort of republican representative way. In the U.S, even with the internet, it has just gotten worse and worse in terms of everyday processing of daily news and what might be learned from it. Newspaper readership is way down in the U.S. Public discussions and debates seem in one hand to be bigger than ever before because anyone can be their own producer and publisher, but it is actually more chaos going on than a reasonable public deliberation. In Brazil, I think it may be even worse. I don't want to comment on your leadership, Bolsonaro. I usually count Bolsonaro along with Trump as effectively authoritarian leaders who basically may talk about democracy all the time but really fear it and have contempt for it. To have a democracy, you need citizen public with some self confidence in its ability to self rule. Democracy is self rule with equal respect. Authoritarians and right-wing populists will always invoke democracy, but they are not talking about that.

■ **At some point, you affirm that inequality is central to moral concerns in thinking about social institutions and that "discussing problems of social justice quickly becomes really complicated, since a diagnosis of injustice really requires two judgments: first, a moral judgment that an inequality is unfair, and second, a sociological judgment that this unfairness could be remedied by**

a social change". Could you explain to the readers what you understand by fair play and fair shares?

▸ A fair play conception of equal opportunities or fairness simply says that if the rules do not discriminate among people than the results of the rules are ok, whatever the results might be. The fair share idea is that everyone should have access to what they need for their self-development and flourishing: living a full life. It doesn't say that we have to redistribute everything in the world on an equal basis, we do not argue with that at all.

■ **The moment could not present itself more valid to talk about racial discrimination. After all, hundreds of thousands of Americans and people from all over the world have embraced the movement #blacklivesmatter, and many more join the cause every day. According to the book, racial inequality is still "a daily and pervasive fact of life in the United States" and that "the spontaneous action of actors in the market will not be sufficient to eliminate these (racial) inequalities". How could collective, public action work towards ending them? Would you care to comment on the movement?**

▸ The Black Lives Matter movement stands in a very long river of black resistance to white oppression. The movement started out of Ferguson, Missouri, where Michael Brown, an unarmed Black man, was shot by the cops and for some reason that went viral and people continued to protest that for some period of time. People from that county in Missouri worked out the Black Lives Matter as a very simple message to refer to black humanity against all of this police violence. The big thing in the U.S and it has happened in Brazil as well, is that the police have always been performing a very important public function of ensuring people physical safety. But they have always been chiefly about protecting the rights of those who have property. And the police have been really militarized in the U.S in the last twenty, thirty years. They have an unbelievable and often mimicking armed forces equipment, tanks, guns, rocket launchers, a variety of things. If there are relatively untrained policemen or trained only in how to control people, not in how to invest in people, policemen will often use them inappropriately. So, there have been talks about defunding the police, demilitarizing and divesting the police, confining the police more to the assurance of public safety and its disturbances that police do not have competence to control. Think about a public display of mental illness, for example, the police are not in the best shape to handle those sorts of things, they are not really trained in how to de-escalate conflicts or social tensions, they are trained in controlling tension.

So, part of the Black Lives Matter program is fixing up and deracializing public safety. But for me it is a much broader program for the reconstruction of this country and it is to recognize, repair, reform and fix a whole number of public systems: education, housing, transportation, labor law, a variety of different systems which put in scale one side of the [idea of] equal opportunity to contribute and produce, which is what we should be after. It calls for a completion of what in most developed countries think of as a modern welfare/administrative state, with universal social insurance, universal education standards, universal floors on all the things that we talked about at the beginning as basics. But then it also tries to make sure that descendance of American slaves stand at the top of the line in receiving any of the redistributive benefits that need to be done in order to make that thing a reality. I guess that's where some of the fight will continue. Black Lives Matter argue quite correctly that a very large portion of this nation's wealth was generated off the body of their enslaved ancestors and it seems only right that they get some share of all of the wealth that has been stolen from them.

The view that [Erik] Wright and I argue for is less about direct reparations and more about improving and giving priority to black people in the variety of services that should be provided to everybody universally. It's been a fantastic several weeks in the U.S. and truly uplifting because what has been great about the protest is that they have been, in general, quite disciplined and non-violent, although repeatedly provoked by people. There were exceptions, but basically, they have been non-violent. And they have been deeply multi-racial and multi-generational and it's been truly wonderful to see. I don't know what coverage of our press you are reading, but there are fantastic changes being made in governments all over the U.S, in response to that. Also, because racial oppression has always been so horrifically intertwined with virtually all other oppressive and exploitative aspects of American society, it's a ready aperture on the whole. The recent protests show this. They're concerned with police brutality, of course, but also with the broader weakening of democracy, and screwing of the broader working class and working families, under the corporate-led neoliberalism of the past 40 years.

■ **How do you perceive class representations of Capitalism through mass media? Is there any space for manifestations of class resistance? If so, how?**

▸ The mass media is a bad joke in supporting what's needed for a democratic public sphere. Social media is even worse. Neither, taken as a whole, encourage the consciousness or commitment needed for positive social change. Both encourage, in amusing but not informing the audiences they sell to advertisers,

social decadence rather than improvement. On capitalism, I guess they view it as another amusing spectacle of violence, but not something than can be transcended. On your second question, neither Erik nor I are attached to a view of social systems that sees them as indivisible, each with its own logic, that succeed each other only through crisis and rupture with what went before. That view limits your political choices to revolutionary rupture, often with horrific consequences, or vapid tinkering reform effort. Instead, we both hold to revolutionary reformism. In any systems, at any time, there is space to improve it in transformative ways, if you can persuade enough people to act together to do so.

But as you embark on this political work, again, you should be clear on the change you want, and why it will improve things, and why its achievable with enough effort, and how it will sustain itself and make further improving change more likely. What we mean by capitalism is a system in which profit provides the leading, not the only, but the leading motivation for investment. But within any capitalist democracy, the democratic aspects are constrained in ways that the book goes through in excruciating detail, revealing the privileged position of private capital within the society. What people call "democratic socialism" is simply, by my lights, essentially a system in which you have social guarantees of the basics that we talked about at the beginning, and then free public deliberation of what to do with the remaining social surplus. Getting there is partly about redefining property rights to discourage abuse and encourage cooperation, and partly about growing the commons of democratic public goods - that is, the goods you need everyone to have to be free and equal members of a democratic society.

A natural place to begin that struggle, and to build people's consciousness and commitment to it that gives you capacity for change, is where people are, namely cities. That where most wealth gets produced, and that's where most of the environmental threat comes from. But, in practical theory, cities can get organized to provide those needed public goods, and their wealth permits more serious bargaining with private capital on the terms of its creation. That opens up a view of a much happier world, a world of these very productive places, a city, a region, a country, trading happily with other ones and in control of their own economy in which we would have a provision of hyper efficient and abundant quasi-public goods and services that would give everybody a chance within them to develop and be happy.

■ **Erik Olin Wright wrote a book involving ideas on how to "erode" capitalism and, through collective action, move society towards a social transformation that will end up in a "democratic socialist economy". In a recent article, "How**

About Productive Democracy for a Change?", you present an alternative egalitarian and democratic project, which you believe is more suited to today's economy and is more uplifting of real freedom and human possibility. In what ways do both perspectives, perhaps, find a common ground and where do they differ most significantly?

▸ I talked about the Productive Democracy stuff with Erik as I was developing it and he was a big fan of it. I don't attach anything to the name, I don't care what we call it, let's call it Andrei, or call it Joe or Gizmo. But it differs from conventional definitions of socialism because it does not require a hundred percent, but forty or fifty percent of public ownership of the means of production. It is more social democratic that way. But it differs from, at least, post-war social democracy in being less centered around unions or working class oriented things at the national level. It's much more decentralized and open and it tries heavily to overcome the concern that if you give people all of this access or all of these great public goods of different sorts, that you're going to lead them to become just stupid and effective slaves of dependency. It's really a public philosophy, Andrei. Its terms of citizenship are this: we are going to give you freedom, opportunity and responsibility. Your freedom is you can go out there and make a dent in the world. The opportunity is we are going to give you all the tools that you'll need to possibly do that. And the responsibility is to recognize that your shit stinks too, you should respect other people and you should pay the taxes needed to keep this idea, this productive democratic society, going. I think virtually everybody in the world, except somebody who is sitting on a huge pile of political power right now, extracted from the State, would be down for that program. I think the audience for that is more or less vast. It's very much what Erik was talking about "eroding" capitalism and having alternative forms of social organizations and political economy encouraged.

Where do I disagree with Erik on that stuff? I don't think there was a lot of disagreement, at least at some high level of abstraction (maybe, simply because of my experience in politics, I was a bit more skeptical of his many enthusiasms). We certainly agreed that a big problem for the democratic left today is that it lacks a capable - requiring organization and financing - political agent. We certainly agreed that this "modern prince" couldn't be a Leninist party. It would need to be a democratic organization (or aligned group of such organizations) operating outside and inside the state, engaged with social movements but also in electoral politics and actual governance, with a program. That's what I was trying to do with the New Party (now the Working Families Party). None of these formations are perfect and all of them have ways to go before they offer models that are at-

tractive enough to diffuse widely. Maurice Mitchell, who is one of the founders of Black Lives Matter and head of the Working Families Party, is very aware of the need for such organization. And that is an organization that is playing both the outside game, outside the formal state, and the inside game, by getting people elected. I see a lot of things around the U.S in the left democratic political sphere - an ecosystem of social movements, issue campaigns, electoral campaigns, coordinate elected - moving towards something like what we need. But we're certainly not there yet, and there's a lot of ego and unnecessary confusion, not to mention lack of resources, standing in the way.

■ **Entropia is a journal that was born from a research group entitled "Laboratory of Social Movements and Media", in which its participants are interested in how social movements, alongside union manifestations and other left-wing collective actors, are portrayed by journalism and other media outlets. What is your opinion on the ways these movements are generally portrayed by American mass media?**

▸ The portrayal of these mass movements in our corporate media? Well, it is uncomprehending, stupid and distorted as you might expect it to be. But mostly, it's stupid, it's not well done. Corporate media has always been selling audiences to advertisers and now with social media they are selling our worst instincts so they can further exploit them. So, I think people are very much interested in investing in public-oriented media, public broadcasting media and a variety of non-corporate-dominated sources of information, like the Dissent magazine, the Boston Review, the New York review books, the Nation magazine that has been around since the abolition period, the Progressive magazine here in Wisconsin, all sources of alternative interpretation and analysis. The problem, basically as I see it, is that they don't have enough reporters and resources to get to reporters and to get to the stories that need to be told and nobody has the time to digest all of these stories.

The mainstream media is pretty dreadful. Again, it's not particularly interested in supporting a democratic public sphere. It's not really in the business of informing the public about the facts they face, or what they might be doing together to improve them. Elites here as elsewhere distrust or have contempt for ordinary people and democracy. And the more predatory among them really hate it. They still follow what Adam Smith called the 'evil maxim' of the 'masters of mankind': "All for ourselves and nothing for other people". So, between business greed and increasing political power and an increasingly pathetic for-profit

mainstream media, I can't imagine either giving you an informed or fair view of what's happening in the U.S.

■ **10) I would like to thank you very much for your time and consideration. This has been a wonderful and fantastic opportunity and I am truly honored. For the final words, would you care to leave a message to all Brazilian sociologists and political scientists regarding a much needed inspiration to continue our struggle against inequality and unfairness?**

▸ Courage. Kindness. Skepticism. Hope.

Professor Joel Rogers' Main Books:

ROGERS, Joel; COHEN, Joshua. *Who defended the country? A New Democracy Forum on Authoritarian versus Democratic Approaches to National Defense on 9/11*. Boston: Beacon Press, 2003.

_____. *What's wrong with a free lunch?*. Boston: Beacon Press, 2001.

_____. *Are Elections for Sale? Financing Our Elections Democratically*. Boston: Beacon Press, 2001.

_____. *Is Inequality Bad for Our Health?*. Boston: Beacon Press, 2000.

_____. *A Community of Equals: The Constitutional Protection of New Americans*. Boston: Beacon Press, 1999.

_____. *The New Inequality: Creating Solutions for Poor America*. Boston: Beacon Press, 1999.

_____. *Associations and Democracy*. London: Verso, 1995.

_____. *Rules of the Game: American Politics and the Central America Movement*. Boston: South End Press, 1986.

_____. *On Democracy*. New York: Penguin Books, 1983.

ROGERS, Joel; DECKER, Jefferson; COHEN, Joshua. *A Way Out: America's Ghettos and the Legacy of Racism*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

ROGERS, Joel; FERGUSON, Thomas. *Right Turn: The Decline of the Democrats and the Future of American Politics*. New York: Hill & Wang, 1986.

ROGERS, Joel; FERGUSON, Thomas. *The Political Economy: Readings in the Politics and Economics of American Public Policy*. Armonk: M.E. Sharpe, 1984.

ROGERS, Joel; FREEMAN, Richard. *What Workers Want*. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

ROGERS, Joel; RHODES-CONWAT, Satya. *Cities at Work: Progressive Local Policies to Rebuild the Middle Class*. Washington, DC: Center for American Progress, 2014.

ROGERS, Joel; TEIXEIRA, Ruy. *America's Forgotten Majority: Why the White Working Class Still Matter*s. New York: Basic Books, 2000.

ROGERS, Joel.; WRIGHT, Erik Olin. *American society: how it really works*. New York, NY: W.W Norton & Company, 2015.